



## O CALVÁRIO E O APOCALIPSE NA OBRA DE PAULINA CHIZIANE

Tiago Ribeiro dos Santos<sup>1</sup>

“Para mim essa história de ser bilíngüe, ou trílíngüe, ter uma cultura africana e escrever numa língua europeia é um grande dilema”. (CHIZIANE, 1994, p. 300). Essas são palavras da autora moçambicana que descortinou a situação das mulheres de seu país a partir da língua portuguesa, por meio da qual expressa a cultura e os valores africanos de seu povo. É sabido que Paulina Chiziane, nascida no ano de 1955, problematiza sua relação com a língua do colonizador desde muito cedo, tendo em vista que sua língua materna – o chope – era falada em casa, enquanto o contato com a língua portuguesa dava-se somente na escola. Seu pai era um defensor dos valores dos negros, por isso, ele impedia que em casa se falasse “a língua daqueles que o levaram para o trabalho forçado” (CHIZIANE, 1994, p. 292). Uma das formas de resistência aos valores dos colonizadores era a tentativa de manutenção da língua chope, mas, mesmo assim, a escritora Paulinha Chiziane foi escolarizada de acordo com o ensino preconizado pela metrópole. O contato com os professores brancos e com o sistema segregador da escola – onde brancos e negros conviviam separadamente – acirrou o olhar da então adolescente da cidade de Lourenço Marques para as questões político-sociais, que, de certa forma, comparecem em sua produção literária desde o primeiro romance, *Balada de amor ao vento*, publicado em 1990.

O projeto de moçambicanidade esboçado a partir da malha ficcional dos textos de Chiziane, apesar de mediado pela liberdade inerente a todo processo de criação, aparece circunscrito num momento eminentemente literário: a independência de Moçambique ocorrida em 25 de Junho de 1975. É no contexto pós-independência da ex-colônia portuguesa em África que vai se desenrolar a narrativa de *Ventos do Apocalipse* (1999), quando o então recente Estado Nacional, fraturado por aproximadamente quinze anos de guerra colonial, terá de gerir o que sobrou de um sistema colonial explorador e desumano. Em contraposição a um projeto historiográfico de recuperação dos fatos inerentes à guerra, a escritora Paulina Chiziane se embrenha nas teias da memória, de modo a tecer os fios de um relato calcado na experiência diaspórica de muitas aldeias moçambicanas vitimadas pelas armas.

O projeto de nação de Samora Machel, líder da Frente de Libertação de Moçambique – a FRELIMO – tinha uma viés socialista que entrava em desacordo com os planos da RENAMO – a Resistência Nacional Moçambicana. Por isso, quando Samora Machel assume o governo do país

---

<sup>1</sup> Mestrando em Teoria Literária pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: tiago19\_ufop@yahoo.com.br



após a descolonização, ocorre uma luta armada, em que representantes da RENAMO – apoiados pela Rodésia e pela África do Sul – promovem guerrilhas de desestabilização nas aldeias de Moçambique. Esse panorama de disputas de poder só teve fim com o Acordo de Roma (assinado em 1992), o qual tinha por objetivo trazer a paz para o recém criado Estado moçambicano.

Em *Ventos do Apocalipse*, a escritora Paulina Chiziane instaura um tom memorialista ao seu texto, embora recorra aos artifícios da linguagem ficcional. No romance, essa linguagem é impulsionadora de sentidos que extrapolam o literário e que beiram o relato testemunhal da mulher que presenciou cenas da guerra. Ao contar com vinte anos quando a colônia de Moçambique tornou-se independente da metrópole portuguesa, Chiziane imprime marcas de esfoliação ao texto, a partir de uma narrativa que sangra e que preconiza – mesmo que no âmbito da produção literária – um jogo entre a ficção do romance e a realidade da guerra. Neste sentido, o discurso de sua obra é calcado, como assinala Agamben, nas lacunas do discurso daqueles que não sobreviveram ao terror das catástrofes. Para o teórico, somente os sujeitos que morreram é que poderiam testemunhar o verdadeiro horror da guerra, mas, dada a impossibilidade decorrente da morte, cabe aos sobreviventes recompor os vestígios de memória e narrar a dor do conflito armado. De acordo com Agamben,

as “verdadeiras” testemunhas, as “testemunhas integrais”, são as que não testemunharam, nem teriam podido fazê-lo. (...) Os sobreviventes, como pseudotestemunhas, falam em seu lugar, por delegação: testemunham sobre um testemunho que falta.<sup>2</sup>

No caso de *Ventos do Apocalipse*, a falta que subjaz ao testemunho – como o quer Agamben – é suprida com a matéria da ficção, pois a memória traumática do evento assolador é imersa no pluralismo da linguagem literária, da qual a escritora pode ter se utilizado para reconstruir os vestígios de sua própria existência. Analisar o romance de Chiziane como o testemunho de uma memória traumática não impede que nos desvencilhemos do genocídio antissemita imposto por Hitler no início do século XX. O evento do extermínio dos judeus nos campos de concentração constituiu-se como um pesadelo para as gerações vindouras, que ainda têm conhecimento das memórias acerca do fato por meio dos testemunhos de alguns sobreviventes, como Primo Lévi ou mesmo Ruth Klüger. É justamente aqui que reside a grande função do testemunho: conhecer o evento não a partir de algo que o permeia, mas a partir daqueles indivíduos que o viveram e que, por isso, têm autoridade suficiente para relatá-lo.

---

<sup>2</sup> AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha*. (Homo Sacer III). Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.



Ainda que o evento da Shoá – o extermínio de judeus nos campos de concentração de Hitler – sirva de referência para o estudo das literaturas de testemunho, no caso das literaturas africanas de expressão portuguesa (incluindo-se a narrativa de *Ventos do Apocalipse*), é preciso lê-las com um olhar sobre a guerra civil e sobre a relação imperialista que Portugal mantinha com suas colônias. O discurso da lusofonia – utilizado como um argumento para justificar a permanência tardia de Portugal em território africano num momento em que outros países já haviam planejado e efetivado o processo de descolonização – centra-se na utopia de um império além-mar criada para salvaguardar a imagem do poderio português. Esse discurso tem seus pilares inscritos numa formação ideológica denominada Salazarismo, em que o chefe do Estado Novo, de orientação fascista, investiu altas somas para manter as forças militares nas colônias. Dessa forma, além da força dos discursos veiculados no período – incluindo a propaganda encomendada pelo governo – temos a força das armas, responsável por manter um império arruinado em plena época de fortalecimento das economias de mercado.

Com a Revolução dos Cravos, que derrubou o sucessor de Salazar, Marcello Caetano, o processo de independência das colônias foi acelerado, tendo em vista que o projeto do MFA (Movimento das Forças Armadas) incluía a retirada das tropas militares do território africano naquele momento de fragilidade da economia portuguesa. Nesse ínterim, *Ventos do Apocalipse* inscreve-se num momento de tomada de consciência das populações africanas a respeito de sua situação pós-colonial, após anos de dominação que materializou a hibridez cultural no seio dessas sociedades.

Dentro do novo espaço agenciado pelas trocas globais, após o esfacelamento dos impérios europeus em África, há uma noção a se desfazer: a do eurocentrismo. Se o discurso eurocêntrico tenta “normalizar” os valores europeus em locais fora da Europa, as comunidades diaspóricas – entre elas as comunidades de alguns povos africanos – e grupos minoritários violentados pelo sistema colonial, tentam desconstruir os discursos de dominação colonial. Nos recém-criados espaços de negociação, fomentados pela nova configuração político-geográfica ocorrida após a descolonização, os países africanos acionam elementos questionadores quanto ao domínio ocidental. Neste sentido, é produtivo recorrer às palavras de Miguel Vale de Almeida no que tange ao estudo do pós-colonial, pois, para ele,



a crítica pós-colonial tentaria então desfazer o eurocentrismo, mantendo, porém, a consciência de que a pós-colonialidade não se desenvolve numa distância pan-óptica em relação à história: a pós-colonialidade existe como um “depois” - depois de ter sido “trabalhada” pelo colonialismo.<sup>3</sup>

Como assinala Vale de Almeida, as reconfigurações das experiências do colonialismo são fruto de uma história de perdas, pois, desde a colonização do Brasil, milhares de pessoas foram violentadas e obrigadas a abandonar suas casas para se submeterem ao trabalho forçado. Logicamente, não foi um processo pacífico, mas antes causador de um grande fardo para a história da humanidade, e, em especial, para aqueles povos que se submeteram ao julgo português no âmbito do terceiro império. Toda a violência da escravatura pode ser resumida a partir da metáfora de Paul Gilroy<sup>4</sup>, ao cunhar a expressão “Atlântico Negro”, que problematiza o deslocamento obrigatório daqueles que circulavam pelo Atlântico metidos nos porões dos navios. O motivo da viagem contido nessa expressão demarca o espaço próprio do sujeito subalterno, em contraponto com o olhar expansionista do colono português.

Se a teoria pós-Colonial visa retirar o estigma dos países que outrora se constituíram como colônias de Portugal em território africano, uma vez que esses países pairam no espaço desterritorializado dos fluxos e trocas globais, podemos notar que eles estão situados concomitantemente dentro e fora do ocidente. A condição dos países africanos é híbrida, pois compõe-se de valores próprios e de valores assimilados das culturas europeias. Nesse sentido, o romance de Paulina Chiziane põe em xeque a questão dos valores no recém-criado Estado Nacional moçambicano. Basta saber que o projeto de moçambicanidade criado pela FRELIMO entrava em desacordo com as tradições do povo, que eram relegadas em favor de valores da cultura europeia. A criação de um Estado laico impedia, por exemplo, cultos religiosos tradicionais, como as práticas de curandeirismo e feitiçaria. Por isso, em *Ventos do Apocalipse*, a autora problematiza a relação entre a tradição moçambicana e os valores da modernidade ocidental no espaço africano.

Analisar o romance de Paulina Chiziane com um olhar pautado no gesto testemunhal da autora, como remanescente de um conflito traumático para a História, implica em averiguar de que modo o ato de escrita colabora para a concretização dos dados da memória. A dor de narrar a guerra civil de seu país, por meio da história da diáspora da tribo dos Mananga, depois da aldeia ter sido devastada pelas armas, pode ser vista como uma catarse, da forma como esse termo é entendido no âmbito da psicanálise. Segundo a definição de Elizabeth Roudinesco, o método catártico é “o

<sup>3</sup> ALMEIDA, Miguel Vale de. O Atlântico Pardo. Antropologia, pós-colonialismo e o caso “lusófono”. In: BASTOS, Cristiana; ALMEIDA, Miguel Vale de; FELDMAN-BIANCO, Bela (orgs.). *Trânsitos coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002. p. 23-37.

<sup>4</sup> Cf. GILROY, Paul. *O atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.



procedimento terapêutico pelo qual um sujeito consegue eliminar seus afetos patogênicos e então ab-reagi-los, revivendo os acontecimentos traumáticos a que eles estão ligados.” (ROUDINESCO, 1998, p. 107). A catarse está ligada ao processo de transferência que traz para a consciência a memória traumática e elimina os vestígios patológicos oriundos dessa memória. Para isso, esse processo terapêutico instrumentaliza-se pela fala, quando o sujeito recobra os fatos de sua memória e os relata ao analista. No caso das literaturas africanas de expressão portuguesa, incluindo-se o romance *Ventos do Apocalipse*, o ato de escrita é o impulsionador da catarse no âmbito da obra literária. Escrever, nesse caso, é tornar o evento traumático – a guerra civil moçambicana – presente no texto, embora a autora o faça recorrendo ao discurso ficcional.

As três histórias com as quais o romance se inicia demarcam, de antemão, os rumos da narrativa. O gesto ritualístico do avô de contar histórias junto à fogueira é o ato ordenador do texto de Paulina Chiziane. Dessa forma, “O marido cruel”, “Mata que amanhã faremos outro” e “A ambição de Massupai” demonstram o importante papel da literatura oral como parte integrante da obra testemunhal da autora. A história de Sianga, o régulo deposto em função do projeto de nação esboçado pela FRELIMO, e todos os seus estratagemas para retomar o poder junto à comunidade local envolvem-se e misturam-se à própria história de Minosse, a mulher que parte com sua tribo e instaura uma fissura no discurso repressor do marido, de modo a negar sua condição subalterna. É interessante notar que o deslocamento de Minosse contém em si um ato de rebeldia contra uma ordem patriarcal opressora, responsável pela demarcação do poder junto às personagens femininas.

Em *Ventos do Apocalipse*, a aldeia dos Mananga apresenta uma tradição matrilinear, em que os rituais de curandeirismo e feitiçaria, bem como os rituais de chuva e de fertilidade da terra, são exercidos somente pelas mulheres. Por isso, a intensa estiagem que assola as comunidades aldeãs é pensada como sendo o resultado da ineficácia dos ritos realizados por elas. Nesse sentido, a realização do mbelele, o ritual para fazer cair a chuva, é uma ordem do régulo Sianga para ludibriar seu povo. Na verdade, o ritual corrupto do régulo apresenta-se como uma estratégia de arrecadação de mantimentos, uma vez que todos os participantes têm de contribuir com alguma oferta, a título de sacrifício, para que os deuses possam mandar a chuva.

Como as mulheres são responsabilizadas pela seca, elas têm de desenterrar os fetos abortados e enterrá-los novamente em terra úmida, pois a principal causa de longos períodos de estiagem é o enterro de fetos prematuros aliado às práticas de feitiçaria. A tradição matrilinear de realização de curas e feitiços é utilizada pelos homens para marcar o poder perante as mulheres.



Pelo fato de abortarem seus fetos e de seus ritos não serem eficazes junto aos deuses, elas são consideradas as únicas culpadas pelas severas secas que acarretam a falta de alimento.

As estruturas de poder masculinas são arduamente questionadas no contexto ficcional de *Ventos do Apocalipse*, pois, assim como a jovem Wusheni não tem liberdade para escolher seu marido – que devido à prática do lobolo seu pai escolhe um pretendente que realizará a oferta mais generosa – as mulheres são obrigadas a cavar sepulturas em nome de uma tradição que as desonra.

No romance da escritora moçambicana o questionamento dessa tradição que imprime a subalternidade do gênero feminino é suscitado por uma mulher negra e africana, logo não se trata de um questionamento exterior que poderia pensar na mulher africana como refém de sua própria cultura. Nesse caso, a crítica nasce de dentro do próprio conjunto de valores criticados e não é gerada no seio de uma outra cultura. Por isso, o gesto testemunhal da escritora é desautomatizador no sentido em que tenta desconstruir a subalternidade feminina a partir de dentro de sua tradição. Assim como a poligamia, que faz de Minosse uma entre nove esposas, o lobolo – que confere uma espécie de “ressarcimento” feito pelo noivo para que a família de sua futura esposa lhe conceda a mão da filha em casamento – também é uma prática que perdurou mesmo depois que a FRELIMO aboliu as tradições. Na verdade, essas práticas nada mais são que formas de situar a mulher num contexto em que ela pode ser subjugada.

Além da submissão da mulher na cultura em que a escritora questiona por meio da escrita literária, há, principalmente na segunda parte de *Ventos do Apocalipse*, a ideia de deslocamento como o ato impulsionador de uma revolta. É esse ato impulsionador que faz Minosse partir e ir ter com os seus na Aldeia de Macuácuá. O trânsito da personagem demarca o calvário dos remanescentes da guerra que assolou a aldeia da qual todos tentam fugir. Ainda que o calvário seja realizado com a esperança de uma nova vida em terra alheia, o desfecho apocalíptico do romance acabará por legitimar a violência da guerra civil. Numa passagem do romance, o leitor pode perceber como vida e morte se cruzam no interior da mata, quando uma mulher tem de parir seu filho em meio à turbulência e explosão das granadas:

A cabecinha do bebê já espreita. As matronas esquecem o medo e recomeçam o trabalho interrompido. Uma nova explosão abala a mata. No mesmo instante o grito da vida abala o matagal maltratado. São duas vidas que se saúdam no cruzamento dos caminhos. Uma de partida e outra de chegada.<sup>5</sup>

Essa passagem retrata claramente a violência de uma guerra fratricida que durou longos anos. Paulina Chiziane, na condição de testemunha do conflito – mesmo com todas as limitações

---

<sup>5</sup> CHIZIANE, Paulina. *Ventos do Apocalipse*. Lisboa: Caminho, 1999.



que demarcam o espaço do não-dito, como o quer Giorgio Agamben –, construiu personagens muito emblemáticas para representar a carnificina gerada pelas armas.

A dificuldade de se lidar com a criação do recém-criado Estado Nacional, num momento em que os movimentos que lutaram pela libertação agora lutam pelo comando do Estado, desenvolve um sentimento de luto nos indivíduos. De acordo com a definição freudiana, “o luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante.” (FREUD, 1996, p. 249). A situação desses sujeitos outrora sem pátria, logo após a descolonização que possibilitou o início da construção de uma identidade nacional, toma o contorno definido pelo luto, pela melancolia e pelo trauma de guerra. Se, como o quer Freud, a melancolia é acarretada por uma perda desconhecida, o luto é a reação à perda de um objeto alvo de amor.

A esses dois eventos psicanalíticos liga-se a questão do trauma e de sua exteriorização por meio da fala ou da escrita. Mesmo sendo exteriorizado, “o trauma é caracterizado por ser uma memória de um passado que não passa” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 105), daí a sua componente atemporal. No caso de narrativas literárias produzidas a partir de um evento traumático, a imaginação é “chamada como arma que deve vir em auxílio do simbólico para enfrentar o buraco negro do real do trauma.” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 106). Nesse sentido, a grande arma da escritora moçambicana que presenciou a guerra – e portanto tem total autoridade para testemunhá-la – é a palavra, pois, por mais fraturada que seja, é capaz de suprir as lacunas do autêntico testemunho. Entranhar-se no seio do conflito armado pós-independência, da maneira que Paulina Chiziane o faz na narrativa de *Ventos do Apocalipse*, demonstra que o autêntico testemunho concebido por Agamben pode dar lugar a uma narração literária do evento.

Dessa forma, toda a gente da aldeia dos Mananga, ao mesmo tempo em que pode ser pensada – de acordo com um viés historiográfico – como uma aproximação do real extrato coletivo moçambicano, no eixo ficcional ela afasta-se desse viés para significar a saga de personagens eminentemente literários. Ainda que a História compareça no texto, fornecendo-lhe informações acerca da guerra civil, a escritora arquiteta sua narrativa de modo a situá-la no bojo da moderna ficção africana de expressão portuguesa, fazendo-o a partir de seu olhar como testemunha, como mulher e como produtora de um romance apocalíptico revelador de estórias e memórias. Para terminar com as palavras da própria escritora, resta-nos saber *a quem comovem as lágrimas no tempo de guerra*.



## *Bibliografia*

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha. (Homo Sacer III)*. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

ALMEIDA, Miguel Vale de. O Atlântico Pardo. Antropologia, pós-colonialismo e o caso “lusófono”. In: BASTOS, Cristiana; ALMEIDA, Miguel Vale de; FELDMAN-BIANCO, Bela (orgs.). *Trânsitos coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002. p. 23-37.

CHIZIANE, Paulina. Entrevista. In: CHABAL, Patrick. *Vozes moçambicanas; literatura e nacionalidade*. Lisboa: Vega, 1994. p. 292-301.

\_\_\_\_\_. *Ventos do Apocalipse*. Lisboa: Caminho, 1999.

FREUD, S. Luto e melancolia. In:\_\_\_\_\_. *Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XIV)*. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 249-263.

GILROY, Paul. *O atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: escrituras híbridas das catástrofes. *Gragoatá*. Niterói, nº 24, p. 101-117, 1. Sem. 2008.